

**Universidades Lusíada**

Neves, Victor, 1956-

**Editorial**

<http://hdl.handle.net/11067/4943>

**Metadados**

**Data de Publicação**

2001

**Resumo**

O LUGAR é um conceito que tem suscitado muitas e recentes discussões nos círculos da crítica arquitectónica contemporânea. Aliás, é à volta deste conceito que se vão definindo algumas das recentes vias (que aliás são poucas) que têm surgido no contexto da arquitectura ocidental deste início de século e de milénio. A polémica mais evidente situa-se entre aqueles que continuam a entender o lugar como uma entidade fenomenológica que encerra significados e formas específicas ( e que, por via da inte...

**Tipo**

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-04T16:36:39Z com informação proveniente do Repositório

# EDITORIAL

VICTOR NEVES

O segundo número das “Sebentas d’Arquitectura” é dedicado ao tema do **habitar**. Este é seguramente um tema quase omnipresente nas preocupações dos arquitectos e dos alunos de arquitectura, porque é uma parte substancial da própria definição da Arquitectura - ou pelo menos de uma “possível” definição de Arquitectura, mais abrangente, que se possa encontrar na contemporaneidade. Continua (ainda) a ser consensual que a conformação e construção do espaço constitui o objectivo último da Arquitectura, mas que esse espaço não tem sentido verdadeiramente arquitectónico se não tiver condições optimizadas para ser **habitado**...

Construir e criar as condições qualitativas do **habitar**, constitui assim, o núcleo essencial da condição arquitectónica, que demarca, nomeadamente, a diferença entre a Arquitectura e outras artes.

Em que consiste este **habitar** (arquitectónico)? - Quais as propriedades qualitativas que sugerem a condição de “poder” habitar ou de “ser” habitado? Estas são questões que têm interessado um grande número de arquitectos e em particular os críticos e teóricos da arquitectura, sobretudo a partir dos anos 40 e do pós-guerra.

Em Portugal, recorde-se, a questão da habitação, constituiu o principal tema do I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948. O tema do habitar tem, por outro lado, interessado vivamente a outras disciplinas e áreas do conhecimento

que, directa ou indirectamente, têm analisado essa questão em perspectivas diferenciadas - da Sociologia; da Economia, das religiões, da Ciência, etc,etc. Razão pela qual nos pareceu interessante propor o tema do **habitar** para este segundo número das "Sebentas d'Arquitectura". Natural, por isso que, para além dos arquitectos, também professores ligados à Geografia; à Sociologia e à História tivessem colaborado neste número, analisando e desenvolvendo aspectos localizados que têm a ver, por exemplo, com os níveis de conforto na habitação, com as incidências das condições ambientais no habitar, com a relação casa-cidade, com a imaginação e a tradição no habitar, ou com os modelos da habitação económica do Estado Novo.

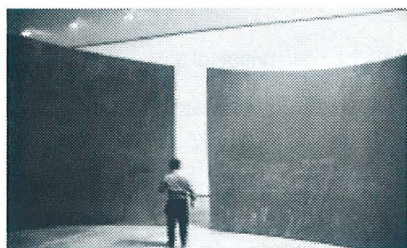
Mas, numa perspectiva mais actual que nos é sugerida pela realidade presente e que nos desperta questões e algumas dúvidas para o futuro, a temática do **habitar** centra-se numa discussão mais filosófica e estética que já não é aquela que foi exaustivamente analisada e especulada pela Fenomenologia, sobretudo a partir dos textos de Heidegger.

A ideia de um habitar, mais actual e contemporâneo, centra-se em novos conceitos de vida e num novo projecto do mundo que tem por detrás algumas perguntas ainda não respondidas:

1-Que vai ser do mundo no futuro?- Que perspectivas temos no plano ambiental, no plano político e ideológico, ou no plano social?

2-Qual vai ser o protagonismo da Arquitectura, enquanto disciplina do saber, nesse novo mundo?

3- Que incidências vão ter as mudanças tecnológicas no mundo, e que consequências terão essas tecnologias no homem, na sua capacidade de perceber e entender o espaço e o tempo?- Que implicações terão essas novas tecnologias em novas formas de "habitar" o espaço e em novas dimensões do espaço ( na realidade virtual do cyber-espaço, por exemplo) ;ou no cenário de novas ideologias políticas (que substituam as actuais cada vez mais caducas),



1

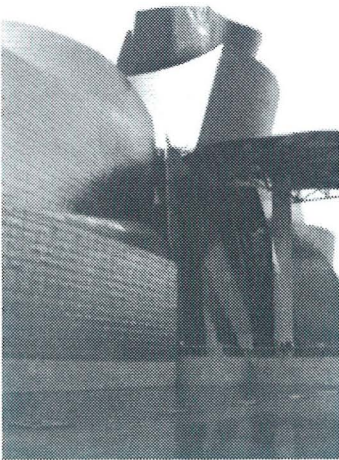
de novas crenças religiosas e de novas vanguardas artísticas que necessariamente terão de surgir após a crise actual de fim de século? -Ou seja: a visão poética de um "habitar" poético sobre o qual Heidegger, através de Hölderlin, especulava ( e também Bachelard no seu "La poétique de L'espace") tem alguma lógica no futuro?

*Full of merit, yet poetically, man*

*Dwells on this earth*

Afinal, tem algum sentido este pedaço do poema de Hölderlin num mundo dos "não-lugares" de que fala Marc Augé, incaracterísticos, modulares, tecnologicamente "perfeitos que caracterizam a nossa sociedade actual e em que os aeroportos já substituíram os museus enquanto ícones dessa sociedade? É isto que leva alguns arquitectos ( e filósofos) a evocar a absoluta desnecessidade de insistir numa "poética" do habitar, encarando-a como uma mera, escusada e piegas nostalgia que se baseia numa visão já desactualizada do Mundo e da Natureza. Na mesma linha, aliás, evoca-se a desnecessidade de conhecermos a imagem real de uma manada de vacas numa paisagem bucólica ( e poética ), quando se sabe que a ciência actual pode produzir vacas geneticamente controladas, cujas imagens e estrutura são acessíveis em qualquer computador pessoal, através da Internet.

"Poeticamente, o homem habita", dizia o poeta. A poesia é aquilo que primeiro impele o homem para a terra , fazendo com que ele se sinta parte dessa terra, dizia Heidegger. De facto, e apesar de tudo, a tradição resiste (o homem resiste). Resiste pela memória dos espaços e das arquitecturas que nos suscitam significados; pelos seculares métodos de conformar os espaços aos nossos hábitos, no saber construir-pedra sobre pedra; tijolo sobre tijolo (como nos foi ensinado); no saber pintar muros e paredes, caixilhos, puxadores, chaminés,



2



com um sentido prático e com um uso estético das imagens assim criadas que nos reconfortam os olhos e a alma. Tudo isto está ainda muito longe do saber construir com placas de titânio (como acontece no Museu Guggenheim de Bilbao) e da assimilação plena da imagem (já internacionalizada) da cor cinzenta; às vezes resplandecente, dessas placas. Mas está ainda muito perto das imagens das casas de Eduardo Souto-Moura com muros revestidos a pedra (como na casa Bom Jesus, em Braga) ou da brancura da Malagueira de Siza Vieira.

O **habitar** continuará, pois (aparentemente) a confrontar-nos com os fenómenos universais da Arquitectura, porque continuará a extravasar o mero conceito de “morar” e de “dar abrigo” ao homem e continuará a acompanhar a sempre inevitável contradição entre a Arquitectura entendida como uma arte que nos enche os olhos (cada vez mais nesta nossa sociedade mediática) e a necessidade pragmática de ter paredes e um tecto para **habitar** com conforto para o corpo e para o espírito.



3

Abril 1999

#### Ilustrações

- 1- Richard Serra: “Torqued Ellipse” ( aço auto-oxidável) - Museu Guggenheim- Bilbao
- 2 - Frank O. Gehry : Museu Guggenheim- Bilbao.
- 3 - Eduardo Souto-Moura : Casa Bom Jesus-Braga